Uma referência obrigatória para futuros estudos

JOSÉ JORGE DE CARVALHO
ESPECIAL PARA O JBr

O lançamento do livro de James Holston, *A Cidade Modernista. Uma Crítica Antropológica de Brasília*, oferece uma excelente oportunidade para se reacender o debate sobre os destinos da capital brasileira. Trata-se de uma monografia extremamente rigorosa e exaustiva, que analisa com grande detalhe a gênese das concepções modernistas que fundamentaram a criação da nova capital, a história social de sua construção e o funcionamento do plano urbanístico original aqui implantado. Não resta dúvida de que passará a ser referência obrigatória para os futuros estudos sobre Brasília, sobretudo devido à abundância de material que apresenta.

Entre tantas dimensões da sua excelente etnografia, agradou-me particularmente, como contribuição original à

compreensão dos conflitos gerados pela construção da cidade, a sua análise da formação das cidades satélites, apelidadas pelo autor de "cidades da rebelião". Holston descreve com precisão e detalhe o crescimento da especulação imobiliária no Distrito Federal. Os candangos, que em princípio deveriam ter regressado a seus lugares de origem após a inauguração da capital, conseguem, através de um longo processo de lutas e reivindicações, conquistar seus lugares na periferia da supostamente socialista nova capital. Contudo, com o passar dos anos, foram sendo empurrados inexoravelmente para as periferias da periferia onde foram assentados. Agora, mais de 30 anos depois, Brasília se vê como uma estranha e quase irreal negação de sua utopia urbana: pretensamente projetada para superar as

desigualdades sociais vigentes nas demais cidades brasileiras, apresenta um perfil de segregação espacial mais extremo que o que se vê no Rio, em São Paulo, Salvador, ou em qualquer outro lugar do País. A esse, outros fracassos se somam. Em franca negação da proposta urbanista de integração comunitária das superquadras, a elite brasiliense descaradamente invadiu as margens do lago e lá construiu as suas assim chamadas "mansões". De novo, o resultado foi um duplo suicídio, social e cultural: o cesso ao lago tornou-se praticamente inviável para todos, pobres e ricos; e a predominância do kitsch e dos padrões estéticos dos novos ricos vão minando pouco a pouco a coerência estilística do Plano Piloto.

Holston fez a pesquisa para o seu livro entre 1980 e 1982. Em vários aspectos, portanto, seu estudo já possui um valor mais

histórico que atual. Contudo, o rigor de seu trabalho se impõe e nos convida a avançar sobretudo naquelas áreas por ele não cobertas. Por exemplo, há dez anos, mesmo com a opressão da ditadura, não havia Joaquim Roriz e seu sinistro e irresponsável projeto populista de construir a primeira distopia urbana do Centro Oeste: os assentamentos da miséria e do desemprego, cujo exemplo emblemático é Samambaia, fixando, não uma cidade para os pobres, mas um curral de votos. Desafios como este só cresceram nos últimos 11 anos e o leitor está convidado a comparar a discussão de Holston sobre a cidade de Sobradinho, por exemplo, com a atual situação da Ceilândia, da Samambaia e de outros núcleos populacionais surgidos na última década. Nem tudo está perdido, obviamente, e Brasília é ainda uma das mais agradáveis cidades

■ José Jorge de Carvalho é professor de Antropologia da UnB